

sangue novo

O som onírico e premiado de Daniel Gnatali

Adriana Lampert

O mistério que antecede o amanhecer dita o tom de *Antes do Sol*, EP de estreia do cantor, compositor e multiartista Daniel Gnatali. Lançado nas plataformas digitais, o trabalho funciona como um convite à contemplação e inaugura um projeto duplo. Enquanto este primeiro volume mergulha em atmosferas oníricas e no folk-pop, o artista já prepara para o fim do ano o solar *Manhã de Festa*, voltado à celebração. “A divisão surge do contraste entre esses universos. Em vez de diluí-los, optei por evidenciar o movimento entre eles: do íntimo ao compartilhado”, revela o músico.

Essa busca por traduzir o mundo interno em canções ga-

nhou impulso na biografia recente do artista. Após passar quatro anos imerso na tranquilidade de Visconde de Mauá, vivendo “no meio do mato”, Gnatali retornou ao Rio de Janeiro em 2024. Para se ressocializar, começou a frequentar eventos de microfone aberto, onde conheceu a musicista Aline Lessa, parceria que gerou a composição que abriu as portas dos festivais. A resposta foi imediata: em seu ano de estreia, faturou seis prêmios em eventos do gênero pelo Rio e Minas Gerais. “Considero um sinal verde muito positivo, uma aprovação vinda de um lugar externo, porque o lugar interno para mim já tá aprovado. Tendo esse *feedback*, é uma camada extra de satisfação”, confessa o compositor.



Cantor, compositor e artista visual celebra o lançamento do EP *Antes do Sol* nas plataformas digitais

O som do disco transita entre o folk-pop e os veios profundos da MPB, com ecos das décadas de 1960 e 1970 e forte influência de Beatles. Gnatali costura com delicadeza melódica temas como origens e deslocamentos, garantindo que 100% das letras têm relação direta com sua biografia. Faixas como *Dear to me* e *Lady Lo* foram iniciadas há 15 anos com o co-produtor Gabriel Mayall e sobreviveram ao tempo. “Eu mudei como pessoa, mas as composições continuam muito queridas. Fico feliz por esse Daniel de 15

anos atrás ter existido e deixado essas músicas para a gente”, celebra o artista, hoje com 40 anos de idade. O fechamento com *Quando me mudei* flerta com o rock setentista e serve de ponte para o próximo EP, que trará samba, forró e grooves.

Essa costura musical evoca o peso do sobrenome que carrega. Sobrinho-neto do maestro gaúcho Radamés Gnattali - e filho do maestro Roberto Gnattali -, Daniel convive com um legado histórico imenso, mas sem cobranças. O momento é simbólico: Radamés

completaria 120 anos. “Minha caminhada é diferente da do meu pai e da do Radamés. Trago noções harmônicas da música anglo-americana para o xote de forma intuitiva, sem o conhecimento musical que eles têm. Sinto uma responsabilidade leve e gostosa de contemporizar o nome”, explica Daniel Gnatali, que também é artista visual e assina as capas do projeto.

Moldado ao lado do produtor Antonio Guerra, o EP conta ainda com as vozes de suas irmãs, Nina e Laura Becker.

qual é a boa?

Toda a semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, a gente garante que dá para curtir boas atrações de teatro, show e cinema



Programa bom de fazer neste final de semana: assistir a peça *A Mulher Que Virou Bode*. A montagem instigante resgata a história de Jurema Finamour, jornalista e escritora empoderada que acabou silenciada pela ditadura. O grupo Rakurs traz uma peça super dinâmica e nada linear, misturando teatro documental, dança, música ao vivo com canções de Antônio Villeroy e até recursos audiovisuais num cenário lindo trabalhado no azul Portinari. Com direção de Marcelo Bulgarelli e um elenco afiado que usa a biomecânica no palco, a montagem provoca: o que leva uma mulher a sumir da história? Bora valorizar o teatro local e conhecer essa mulher incrível!

Adriana Lampert, repórter de Cultura/JC



Para quem curte cinema, o começo de noite de sexta-feira reserva um compromisso imperdível em Porto Alegre. A Cinemateca Capitólio trará a sessão de reestrela no Estado do filme *Vento Norte* (1951), de Salomão Scliar, um dos clássicos inaugurais de toda a produção cinematográfica no Rio Grande do Sul. Em uma verdadeira epopeia do ponto de vista técnico, o filme foi resgatado dos arquivos da Cinemateca Brasileira a partir de cópias sobreviventes e passou por uma restauração cuidadosa, por iniciativa da Capitólio. A exibição é uma oportunidade de conferir o primeiro longa-metragem sonoro de ficção produzido no Estado. É gratuito, não dá para perder.

Igor Natusch, editor de Cultura/JC



Minha dica para este sábado é o show de uma banda que eu nunca vi ao vivo: os Faichecleres. O trio icônico do rock nacional, que muito fez minha cabeça na adolescência, sobe pela primeira vez no palco do Ocidente com Giovanni Caruso no baixo e vocal, Tuba Caruso na bateria e Thiago Rosiak na guitarra e vocal. Com muita influência de Beatles, Stones, The Who e da Jovem Guarda, no repertório, podemos esperar os clássicos picantes de duplo sentido do primeiro disco, *Indecente*, *Imoral* e *Sem Vergonha*, como *Ela só quer me ter*, *A boca dela* e *Metida demais*. Eu, particularmente, estarei aguardando ansiosamente para escutar a faixa *Alice D*.

Joana Luna, estagiária de Cultura/JC



A boa e velha sala de cinema, com seu cheirinho de pipoca e o mergulho na tela grande, é minha dica para este finde gelado. E o filme que provavelmente mais se sintoniza a esse clima é *Dia D*, a obra mais recente de Steven Spielberg, fechando a trilogia informal sobre o fascínio humano pela vida fora da Terra, que inclui os clássicos *Contatos Imediatos do 3º Grau* (1977) e *E.T., o extraterrestre* (1982). Na obra de agora, os personagens de Josh O'Connor e Emily Blunt, que se destaca em uma atuação tocante e divertida, correm contra o tempo para fazer uma revelação midiática que vai quebrar conceitos e mudar a vida no planeta. Mais uma obra imperdível do diretor.

Livia Araújo, repórter de Cidades/JC